

A poesia e a esfinge

Homenagem: Biblioteca Helena Kolody

A decisão de homenagear Helena Kolody dando seu nome à biblioteca do UniBrasil Centro Universitário veio imediatamente ao início das atividades da instituição, já que seu logotipo foi inspirado em um de seus mais populares poemas: “Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem dela um sol. Outros nem conseguem vê-la.” Assim, pela importância da autora para o meio literário brasileiro, nada mais adequado que homenageá-la batizando um dos mais importantes espaços universitários - se não o mais - com o nome dessa poetisa filha de imigrantes ucranianos que viveu grande parte de sua vida em Curitiba e foi professora em várias escolas paranaenses.

A cultura de um povo, de uma nação, de uma região se perpetua pela memória daqueles que a integram e praticam. O esquecimento devasta patrimônios culturais. Os escritos representam a garantia de longevidade de obras que representam determinada cultura. Mas, sem leitores, os escritos convertem-se em objetos inúteis. A leitura cumpre a função de trazer à luz e à vida cultural produções, colocando-as sob outros prismas que justifiquem e reconheçam a importância do legado. Ler - ou reler - a obra de Helena Kolody (1912-2004) é reinseri-la na cultura paranaense e na linha do tempo e da estética da literatura brasileira. De tempos em tempos, dona Helena, a professora nascida em Cruz Machado (PR), de sangue ucraniano, poeta adolescente, de maneiras tranquilas, olhar sempre em viagens de fora para dentro e vice-versa, de fala suave e versos melódicos, renasce pelo poder de sua poesia. É possível dizer que não se trata de uma obra volumosa, embora distribuída ao longo de um pouco mais de 60 anos - se considerarmos o primeiro livro publicado, Paisagem interior, de 1941. No entanto, um olhar crítico descobre na trajetória desse período de vida a trajetória da própria poesia brasileira. Da presença do simbolismo, passando ao modernismo de Cecília Meireles e Tasso da Silveira, adquirindo aos poucos a síntese, a clareza e a precisão da poesia de Paulo Leminski e dos haicais orientais, é um conjunto diverso de poemas e tendências estéticas a comprovar a evolução de uma poeta que amadurece com a idade e que amadurece como escritora.

A fidelidade ao verso comprova que em suas veias e letras corria o sangue do ritmo, das sonoridades afins, da realidade convertida em descobertas líricas e do “sentimento do mundo”. Sua obra inicia por poemas longos e porosos ao poetar dos anos 40 e 50 do século XX. Um poema como “Aniquilamento”, publicado em Música submersa, de 1945, tem uma tonalidade derrotista e niilista, de pouca conformidade com a visão positiva que Helena Kolody assumiu ao longo da existência, fosse no plano pessoal, fosse no plano poético. Expressa assim o poema:

*Sinto-me ausente
Como se houvesse morrido a
milênios
E as fibras de meu ser,
Integradas no pó,
Esquecidas e anônimas,
Dormissem ao relento nas es-
tradas.*

AUTORA

Marta Morais da Costa

Doutora e mestre em Literatura Brasileira; professora sênior da UFPR e da PUC-PR.



Helena Kollody

A poeta tinha apenas 33 anos e já parecia se despedir da vida, denotando a presença de uma poesia de desengano, como a de Augusto dos Anjos e das dores de um Cruz e Sousa. Não há como negar a presença acima de tudo formal e poética, mais do que existencial, do dilema filosófico de Calderón de la Barca, em outro poema do mesmo volume, “Efêmera”:

*A inexpressiva multidão dos anos
passou, anônima e apressada.
Afinal, eu vivi,
Ou sonhei que vivi?*

À medida que a vida se fez mais longa – sem deixar de ser menos sofrida – Helena Kolody vai descobrindo sua identidade, sua voz própria e abandonando algumas formas estereotipadas para buscar uma expressão mais autêntica, em especial nos poemas mais curtos, nas imagens mais sucintas, no esmiuçar da realidade, trazendo-a íntegra em uma metáfora inusitada, em um achado poético.

Ipês Floridos

*Festa das lanternas!
Os ipês estão luzindo
de globos cor-de-ouro.
(em A sombra do rio, de 1951 e em Reika, de 1993)*

Embora seja repetitivo, não custa salientar mais uma vez a importância na obra de Helena Kolody dos poemas curtos. De tal modo que Paulo Leminski, ao aconselhá-la a se dedicar aos haicais e reikas, trazia em sua fala o eco das palavras e poemas que Kolody registrara desde os primeiros livros publicados. Há nessa tendência – ou preferência – uma associação imediata com a delicadeza de sua poesia feminina, de seu modo de consolidar em poucos versos o que ela denominou “o lado positivo de ver a vida”. No volume de 1945 apareceu um delicado poema:

Jóias

*Fechou em seu escrínio cor de nácar
Duas safiras tristes: os seus olhos.
E trêmulos brilhantes transbordaram.*

Embora com apenas três versos, a métrica ainda era de verso longo, comum à época, o decassílabo. A comparação com a síntese dos poemas de três versos, mesmo aqueles que não atendem às normas do haicai, demonstra como a poeta se tornou sintética, a metáfora ganhou peso e força e o poema se tornou mais sugestivo e menos descritivo ou narrativo:



Olhos

*Na face menina
Os olhos antigos
Como a dor do mundo.
(em 21 poemas, de 2001).*

A rapidez e a síntese como características literárias contemporâneas foram assumidas por uma escritora atenta com seu tempo, assim como o fora no começo de sua trajetória. Essa evolução da poética de Helena Kolody angariou leitores atentos e admiradores de sua poesia. Mais do que isso, influenciou muitos outros poetas que reconhecem a qualidade de sua escrita.

Outra perspectiva para o conhecimento de sua obra repousa no modo como seus poemas oscilam entre a poesia enquanto forma artística – nela a importância da palavra, da música, do viés metafórico, do sonho, da força de convencimento do leitor – e a construção da imagem poética de Helena Kolody e de sua história. Por vezes, esses dois vieses se enredam e entrançam.

Retrato Antigo

*Quem é essa
que me olha
de tão longe
com olhos que foram meus?
(em Ontem agora, de 1991)*

Esse olhar retrospectivo e indagador dirige-se a um tempo longínquo em que, escritora iniciante, assim se descrevia:

Perspectiva

*Olha pela janela azul do meu olhar
Serenos e transparente, onde se esconde calma*

*A misteriosa esfinge eslava que é
minh'alma.
Mergulha os olhos teus no mun-
do em perspectiva
Que se adivinha atrás de uma
pupila esquiua.
Verás, por certo, desdobrar-se
alma adentro,
Na paisagem agreste, a estepe
soberana.
(em Paisagem interior, de 1951)*

A origem ucraniana resguardava na mulher, nascida no interior do estado, uma “misteriosa esfinge” que continuará na curitibana assumida, manifesto naquela palavra inicial e substantiva “Quem?”. Sabe-se que qualquer escritor não consegue anular nunca a sua identidade pessoal e biográfica. No entanto, a literatura por meio da palavra, que é sempre fluida em seus sentidos e incapaz de ser a realidade, cria na obra uma persona ficcional que, por vezes, tangencia a pessoa com CPF e certidão de nascimento. A esfinge não é, exclusivamente, a alma eslava: a esfinge é a palavra poética que tenta construir essa alma. E geralmente naufraga com ela. Por mais que Helena Kolody procure recuperar o tempo passado, mais ele lhe foge nas asas da poesia, nos versos sugestivos e incompletos, na impossibilidade de ter de volta o que já se foi. Não são muitos os poemas que trazem essa busca da gênese da existência, mas “Infância” é sem

dúvida um dos mais sinceros, sinestésicos e descritivos.
*Aquelas tardes de Três Barras
plenas de sol e de cigarras!
Quando eu ficava horas perdidas
Olhando a faina das formigas
Que iam e vinham pelos carreiros
No áspero tronco dos pessegueiros.
A chuva-de-ouro
Era um tesouro,
quando floria.
De áureas abelhas
Toda zumbia.
Alfombra flava
O chão cobria...
(...)
Do tempo , só se sabia
Que no ano sempre existia
O bom tempo das laranjas
(...)
Longínqua infância...Três Barras
Plena de sol e cigarras!
(em “A sombra do rio”, de 1951)*

O longo poema não consegue abarcar a riqueza da vida bucólica da infância no seu ritmo que é o da própria natureza, no esplendor de cores e movimentos, no descompromisso da vida infantil. E assim serão os poemas que Helena Kolody criou para esboçar um retrato de si. A palavra escrita ou falada deixa traços e hiatos de realidade. Talvez por isso, ao final da vida, a poeta ainda buscasse, apesar de todos os versos que escreveu, onde estava a explicação para o mistério da esfinge, eslava ou paranaense, que ficou disseminada em sua obra.

“Quem é essa?”: a pergunta continua provocando em seus leitores o desejo de descobrir, na leitura de sua obra, onde Helena Kolody, a cruz-machadense, a curitibana por afeto, a professora, a poeta, a mulher bonita de olhos azuis, ficou escondida.

